



Editorial

Experiências da rede UNASUS na capacitação de recursos humanos para a saúde

Luiz Carlos Lobo¹

O sistema educacional foi desenvolvido, de regra, centrado na atividade do professor. É ele o agente ativo de todo o processo ensino-aprendizagem. A ele cabe definir e programar o que o aluno vai aprender, como e quando.

Mas o aprender não é passivo. Não há apenas uma realidade, pois cada um percebe um fato, uma situação, de acordo com a sua disponibilidade de perceber e a transforma de acordo com seu repertório de conhecimentos prévios e sua motivação para aprender uma matéria determinada.

Para aprender há que se elaborar, transformar, integrar o novo conhecimento a estruturas prévias, ou seja, há que ser ativo.

Por isso tudo, propõe-se mudar o enfoque do sistema educacional para enfatizar o aprendizado do aluno, não mais apenas o ensino. O aluno deixará uma

postura passiva para assumir uma atitude ativa, passando a sujeito, e não apenas objeto, do sistema.

Em 1916, em seu livro *Democracia e educação*, John Dewey¹ perguntava: *Embora haja uma condenação universal aos conceitos de ensinar pela fala e aprender absorvendo passivamente um conteúdo, como explicar que esses princípios estejam tão enraizados na prática? Que a educação não seja apenas um processo de transmissão e absorção de conhecimento, mas sim um processo de construção ativa desse conhecimento, é um conceito muito aceito na teoria, mas muito pouco admitido na prática... (p.43).*

Mais recentemente, Dan Tapscott² afirmou que não se pode mais aceitar uma educação igual para todos, nem admitir que o professor seja a única fonte de transmissão do conhecimento.

¹ Doutor. Livre Docente de Biofísica - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Honoris Causa - Universidade de Brasília. Consultor Sênior - Universidade Aberta do SUS/Fiocruz. Email: luizcarloslobo@gmail.com
Correspondência: UNASUS - Campus Universitário Darcy Ribeiro Av. L3 Norte, s/n, Gleba A Ed. Administrativo da Fiocruz Brasília, 2º andar - Asa Norte. Brasília, DF - Brasil. CEP 70904-130

Numa época em que o conhecimento está disponível através da internet, podendo ser acessado por qualquer indivíduo, a qualquer momento, em qualquer lugar e quantas vezes ele achar necessário, não se pode seguir admitindo um aprendizado passivo.

Benjamim Bloom³ em seu clássico trabalho “Learning for Mastery” dizia que se os alunos tiverem um conhecimento prévio ajustado ao curso (*ponto de partida do processo*), puderem interagir com flexibilidade de tempo com materiais e oportunidades de aprendizado variáveis e de boa qualidade, todos poderão atingir os objetivos indicados para o curso (*ponto de chegada*).

O aluno aprende uma matéria de acordo com sua aptidão (variável biológica igual a $1/T$, ou seja, igual ao inverso do tempo que ele necessitaria para dominar o assunto – (4)”, conhecimentos prévios e sua motivação para aprender essa matéria. Motivação pode ser imediata (just-in-time, dizem), quando ele percebe a importância da matéria para seu projeto de vida, ou tardia (just-in-case) quando ele acha que esse aprendizado pode lhe ser útil no futuro.

Admitir que todos os alunos aprendem ao mesmo tempo e com igual interesse é, no mínimo, aceitar que todos os homens são iguais, ou seja, negar a existência de uma variabilidade biológica natural.

Numa época caracterizada pela velocidade com que ocorrem câmbios no contexto social, um indivíduo terá que buscar a atualização e a ampliação contínua de seus conhecimentos para não se tornar obsoleto, não poder, ou ter dificuldade, de se adaptar a novas atividades.

Nesse particular a portaria estabelecida entre o MEC e o MS que regulamentou as atividades do Sistema Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS) já indicava esses preceitos de maior liberdade acadêmica ao dizer que: “as ações de capacitação e educação permanente serão estruturadas como programas de formação modulares, possibilitando o reconhecimento mútuo de certificados educacionais, módulos ou conteúdos emitidos pelas instituições integrantes da Rede UNA-SUS e a mobilidade acadêmica dos estudantes, resguardada a autonomia das instituições participantes”.

O Sistema UNA-SUS é amparado na proposta de educação permanente estabelecida pelo Ministério da Saúde, visando à resolução de problemas presentes no dia a dia dos profissionais de saúde que atuam no SUS.

A educação geralmente prevalente não contempla as necessidades, motivações e conhecimentos prévios dos alunos, dificultando ao invés de facilitar a aprendizagem. Oliveira⁵ indica que “uma

vez entendido isso, é mais fácil aceitar porque a cada dia surgem novas evidências apontando que a oferta tradicional de educação aos profissionais de saúde não tem mudado práticas, nem tem servido como fator de atração e retenção dos profissionais nos postos de trabalho”.

A oferta de oportunidades de aprendizagem organizadas sob a forma de um curso de especialização, ou cursos auto-instrucionais sobre vários temas prioritários em saúde, deverá contemplar as necessidades dos profissionais/alunos. Tratando-se de um aprendizado em serviço, as oportunidades de aprendizagem devem estar disponíveis em horários e locais que sejam conciliáveis com o trabalho desse profissional/aluno.

Se o objetivo é que todos os profissionais atinjam determinadas competências, indicadas pela necessidade social de uma melhor qualidade e resolutividade no atendimento à saúde dos cidadãos, a abordagem deverá ser a da aprendizagem. Deve-se admitir que o tempo de cada profissional-aluno para atingir os objetivos vai variar, e os processos de educação permanente tem de se adaptar a essa realidade.

Os alunos aprendem não só com ritmos diferentes, mas também de acordo com estilos de aprender diferentes. Essas diferenças são determinadas por um amplo conjunto de variáveis: cultura da

região, família de origem, conhecimentos prévios, formação acadêmica, características do ambiente e processo de trabalho, entre outras.

Em alguns casos a preferência poderá ser pela leitura; em outros, por assistir a um vídeo, ou DVD, conversar em um chat pela Internet, navegar por fóruns e sites da web, ou se reunir (presencial ou virtualmente) com colegas e/ou com um tutor. Alguns podem aprender até mesmo em momentos mais pontuais, como participar de um seminário ou assistir uma conferência ao vivo, ou a distância. É importante lembrar que essas experiências de aprendizagem não são, pois, excludentes.

Theodore Levitt, guru do marketing, diz no seu trabalho "marketing myopia" que o intelectual é sempre "product oriented", ou seja, produz algo e diz às pessoas "é disso que você precisa"⁶. Ao invés disso, ele deveria ser sempre "client-oriented", buscando "conhecer o que querem os clientes" antes de produzir um produto (material instrucional, por exemplo).

Ou seja, deve-se definir o que aprender e, a partir daí, não traçar um único itinerário, mas sim se oferecer uma gama de oportunidades de aprendizagem que o aluno escolherá de acordo com suas necessidades, seu estilo pessoal de aprender, no seu tempo disponível e quantas vezes quiser. A experiência colhida no NUTES/CLATES (UFRJ-OPAS)

indicava que o aluno via um programa em videocassete várias vezes para aprender a matéria.

Isto significa a necessidade de se aceitar um aprendizado ajustado às características de cada aluno, enfatizando sua autoinstrução e visando com isso que ele aprenda a aprender.

Porém, para atender as demandas prementes de melhorar a assistência à saúde da população através da maior capacitação dos profissionais, foram articuladas redes de aprendizado envolvendo a academia. Além das ferramentas para a troca de informações acadêmicas dos profissionais-estudantes, foram desenvolvidas plataformas para gestão acadêmica da trajetória de cada aprendiz. Assim, o acompanhamento mais transparente e contínuo do processo de ensino-aprendizagem dá segurança às universidades para realizar a supervisão educacional à distância em cooperação com uma instituição local que possa dar apoio ao estudante.

Significa aceitar um aprendizado modular, definindo claramente para cada módulo o ponto de partida, ou pré-requisitos, em termos de conhecimentos, habilidades e atitudes que o aluno deverá ter ao iniciar o seu aprendizado, além do ponto de chegada, ou objetivos terminais, indicando conhecimentos, habilidades e atitudes que o aluno deverá demonstrar quando considerar-se apto. Devem ainda

constar de forma bem explícita o conjunto de oportunidades de aprendizagem que terá ao seu dispor para aprender. Cada módulo poderá incluir objetivos intermediários, que orientem o progresso do aluno no seu aprendizado, além dos seus objetivos terminais.

Esses módulos corresponderão a competências esperadas dos egressos, qualificando-os para o exercício regular de suas atividades. A definição dessas competências será feita por um grupo de trabalho específico, com representações dos gestores do SUS, dos profissionais da rede de serviços e da academia.

Nesse sentido, deverá ser disponibilizado um sistema de avaliação formativa que permitirá ao aluno avaliar o seu aprendizado, quando achar ter atingido determinado objetivo (final ou intermediário), permitindo-lhe chegar à sua avaliação somativa confiante em um bom desempenho.

Trabalhos^{7,8} têm indicado a importância de se respeitar as características pessoais dos alunos no desenvolvimento de cursos usando as facilidades da internet.

A Universidade, ou escola, informará os módulos que conduzem a determinada competência. Indicará, ainda, os materiais instrucionais e oportunidades de aprendizagem, incluindo um sistema de avaliação formativa, que serão oferecidos aos alunos em seus locais de trabalho,

através da gestão municipal, que deverá disponibilizar parte da carga horária dos profissionais para se dedicarem aos estudos e providenciará as estruturas locais de apoio ao aprendizado do aluno.

Considerando-se que a realidade é sempre interdisciplinar, os módulos e objetivos deverão buscar sempre uma abordagem integrada das competências, de modo a melhorar o desempenho dos alunos nas suas atividades profissionais.

A presente edição da RESDITE, dedicada a apresentar experiências da rede UNASUS na capacitação de recursos humanos para a saúde, mostra desde a oferta de cursos voltados a deficientes visuais, à oferta de cursos voltados à formação de enfermeiros, à avaliação do impacto dos cursos de especialização na prática dos profissionais, à discussão de casos clínicos virtuais na capacitação de profissionais. Constituem destaques a grande participação de alunos nos cursos, a formação de tutores e abordagem de temas como judicialização de saúde, mostrando a grande diversidade de oferta de cursos em todas as regiões do país, com ampla gama de temas abordados, indicando o sucesso dessas iniciativas.

Referências

1. Dewey, John, *Democracy and Education – An Introduction to the Philosophy of Education*, NY, MacMillan, 1916
2. Tapscott, Dan, *Grown Up Digital: How the Net Generation is Changing Your World*, NY, McGraw-Hill, 2008.
3. Carrol, J., A Model of School Learning, *Teachers College Record*, 64:723,1963
4. Bloom, B., Learning for Mastery, Center for the Study of Evaluation of Instructional Programs, UCLA, LA, 1968
5. Oliveira, V., UNASUS, documento de referência 2 – Marco Conceitual, 2008
6. Levitt T., Marketing myopia , *Harvard Business Review*, 38(4),45-56,1960
7. Fernandez-Majon,B e Sancho P., Creating cost-effective adaptative educational hypermedia based on markup Technologies and e-learning Standards,2002, in <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4544721.pdf>
8. Ajhou n, R., Benkiran, M.A., Abdelkader, A framework for adaptative and cooperative learning for the internet: smart learning, 2000, in http://www.isoc.org/inet2000/cdproceedings/6a/6a_3.htm